

FOTOGRAMA COMENTADO

A Batalha do Passinho – o filme

ELISKA ALTMANN

Doutora em Sociologia e Antropologia pela UFRJ

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRJ

Numa quadra de basquete veem-se dois jovens e, ao chão, um aparelho Mp3. Enquanto um dança ao som, baixo, de um *funk*, o outro, com uma pequena câmera na mão, filma a cena. Ambos, no momento daquela filmagem são filmados em *A Batalha do Passinho – o filme* (2012), de Emílio Domingos, que, neste momento, se converte não apenas na filmagem da filmagem, mas também na filmagem da edição e da postagem do pequeno filme, intitulado “Cebolinha como sempre o dançarino nº 1 – by MC XXT – edição especial para o filme do passinho”. Veiculado no YouTube, o filme de MC XXT mostra-nos imagens do dançarino Cebolinha ensaiando passinhos ao som de um *funk* amplificado na montagem, em meio a cartelas, vinhetas e outros efeitos. Enquanto edita para a câmera do documentário, o “co-diretor” explica seu método: “eu gosto de fazer tipo uma propagandazinha, botar *msn* e tudo mais, para o pessoal que gostar procurar saber como é, quem é”... Finalizado, o vídeo do MC pronto está para ser “xaringado” ou, em outras palavras, copiado/imitado. Numa espécie de “etnometadiálogo”, o documentário de Emílio também se revela como elemento responsável por aqueles verbos de ação.

Como fotogramas metanarrativos, este e outros pequenos filmes compõem parte do longa-metragem. Numa espécie de “antropologia compartilhada”, aos moldes de um Jean Rouch brasileiro, o diretor realiza o documentário juntamente com os sujeitos-funkeiros, que acabam sendo co-autores de imagens e também participantes ativos na recepção do filme – vale notar que meninos vão com o documentarista às exposições para debater e apresentar, ao fim das sessões, a dança ao vivo. Por ser construída dentro do próprio filme, a cena acima descrita seria exemplar da referida coautoria ou do compartilhar fílmico-antropológico.

Outra forma narrativa para a mesma história seria a seguinte: um dia, ao som de um *funk*, meninos na laje ensaiavam passinhos. Um deles filmou no improviso, editou o material e postou no YouTube. Criou-se, então, uma cultura: a cultura Passinho. Contudo, em *A Batalha do Passinho – o filme* outras palavras dão início ao relato: “o Passinho começou no ano de 2001, mais ou menos. Nós, das comunidades do Rio de Janeiro, encontramos um jeito de fazer uma cultura nossa”. A frase de abertura do documentário, dita por Baianinho, morador da comunidade do Jacarezinho, situa o espectador. O Passinho, fenômeno cultural do início do século XXI, criado e cultivado por

jovens de comunidades cariocas, é, no filme de Emílio Domingos, o personagem – apresentado por meio de seus dançarinos, num espalhamento de corpos e comunidades.

Baianinho é amigo de Leandra Perfects, moradora de Guapimirim, que é amiga de Cebolinha, morador do Campinho, que era amigo de Gambá – o “rei” do Passinho. Estes e mais outros tantos amigos acabaram se tornando igualmente amigos do documentarista, que, por ser também cientista social, fez densa pesquisa, seguindo preceitos da boa antropologia.

Aliás, em sua trajetória como diretor-cientista social, Emílio tem se dedicado a mostrar que *hip hop* e *funk* estão longe de serem comportamentos e gêneros musicais exóticos, como poderiam supor ouvidos e olhos menos curiosos ou menos familiares à cultura carioca. Longas e curtas como *A palavra que me leva além: histórias do hip hop carioca* (2002), *Cante um funk para um filme* (2006), *Pretinho Babylon* (2007) e *L.A.P.A.* (2007) compreendem personagens urbanos que tomam aquelas formas artísticas como motivo ou sinônimo de vida.

Baianinho, Cebolinha e Gambá não fogem à regra. São amigos-dançarinos que escolheram o Passinho como um modo de estar no mundo. Narradores de si próprios e de todos ao mesmo tempo, contam e dançam suas histórias e estilos através daquele elo em comum. Na composição narrativa de *A Batalha do Passinho – o filme*, o mesmo valor dado ao verbo é atribuído a pés, pernas, ombros, mãos, barrigas, cabeças, e, assim, temos um entrelaçar de discursos e corpos em movimento.

Em verdade, de todos os amigos, discursos e corpos dançantes, há três que podem ser vistos como figuras de liga a costurarem o filme do início ao fim. A eleição de Leandra como espécie de explicadora, que nos ensina termos e organizações do “campo” do Passinho, não teria sido à toa. Uma das raras mulheres num universo composto, majoritariamente, por meninos e jovens dançarinos, Perfects é moderadora da “Comunidade Passinho Foda” no Orkut, que reúne milhares de internautas – dançarinos e fãs – de dezenas de comunidades do Rio de Janeiro. Cebolinha, por sua vez, o segundo “rei”, depois de Gualter, vulgo Gambá, promove incontáveis imitadores, ou clones seus, com os vídeos que lança no YouTube. Gambá, finalmente, é trazido à vida no filme, junto com seu talento e sua graça. Negro, de 22 anos e morador do Morro do Barbante, na Ilha do Governador, foi

brutalmente assassinado no primeiro dia do ano de 2012, quando Emílio ainda filmava o documentário. Morreu por espancamento. A tragédia, além do Passinho e das redes sociais, seria o elemento a unir amigos-personagens, diretor e os inúmeros dançarinos da Cidade de Deus, do Salgueiro, do Andaraí, do Borel, do Cantagalo e de tantas outras favelas cariocas.

O termo Passinho, como conta Cebolinha, “tipo começou assim: ih, olha o passinho dele! Ih, qual foi desse passinho aí? Me ensina esse passinho? Aí pegou, entendeu?”. Na época em que o Passinho entrou na vida do dançarino, por volta de 2005, os duelos ou, mais precisamente, as batalhas já existiam¹, e Passinho era só Passinho. Quer dizer, era dança só com os pés. Com o tempo, cada dançarino passou a incorporar ao Passinho seu próprio estilo: “*break*, *frevó*, *free step*, *chão*, *caidinha*, *pulo*, *passada* e *molejo* do samba, que também ajuda” – explica João Pedro, 14 anos, morador da Gardênia Azul, em Jacarepaguá. Ao longo de uma década, o Passinho se tornou uma cultura a unificar milhares de meninos, que se diferenciam por seus estilos corporais. Em *A Batalha do Passinho – o filme* vemos como a cultura Passinho congrega uma multiplicidade de corpos, gestos e ritmos espalhados em cruzamentos sem eixos, desterritorializados.

“Xaringar” seria o verbo responsável pelo espalhamento da cultura. E seu veículo, o YouTube. “Passinho Foda”, “Passinho da Cidade Alta”, “Passinho do Jacaré”, entre inúmeros outros são pequenos filmes postados pelos meninos dançarinos que ganham projeção para além dos bailes das comunidades locais. “Passinho Foda”, por exemplo, conta com mais de 3,961,447 visualizações. Como diz Gambá, “tem que ser bom pra botar um vídeo aí, *fió*”.

Espalhadas as danças, os corpos se organizam. E “os grupos que estão mais em alta são os Fantásticos, os Quebradeira Pura, os Dancy, os Astro, os Elite”, entre mais “um monte de bonde”, relata João Pedro. Dentro dos grupos ou “bondes”², movimentos e estilos também se espalham. Segundo Macumbinha, “como é grupo, cada um passa um passinho para o outro. Um começa a inventar e emenda com um passo antigo que já tem e já vai passando para o outro e já vai formando o Passinho”.

Tal fenômeno, contudo, não é composto apenas pelos estilos da dança, mas também pelos estilos dos corpos. Ser dançarino do Passinho requer vaidade. “Ah, eles fazem sobranceira, cabelo, vêm com cabelo arrepiadinho e toda hora querem se olhar [...]

1. Segundo Leandra Perfects, “na comunidade, um contra um é duelo. Geralmente, o duelo já é marcado, mas tem baile que tem dançarino dançando muito e o outro chega e começa a dançar do lado dele, e pronto, o duelo começa”. Já de acordo com Baianinho, “um bom dançarino mesmo não chama para duelar, se ele quer duelar, ele entra na roda sem avisar”. A batalha, por sua vez, é uma formalização dos duelos e, normalmente, contam com um jurado. As batalhas filmadas por Emílio ocorreram nos anos de 2011 e 2012 em quadras de clubes e comunidades. Elas foram organizadas por Rafael Nike e Júlio Ludemir, com apoio do Programa UPP Social. Para mais detalhes, ver batalhadopassinho.blogspot.com.br.

2. Em conversa pelo Facebook, Leandra me explica a formação dos “bondes”: “uma pessoa cria um nome para o seu clã. Mas não é qualquer nome, é um nome que passe o que você quer que as pessoas achem dele. É como se fosse um time, e, como todo time, quem tiver os melhores jogadores tem mais fama, mais oportunidades, mais reconhecimento. Para ter um bonde você precisa ter credibilidade no mundo da dança. Nenhum dançarino quer ser de um bonde fraco. Você começa conquistar seu bonde, seus jogadores, e a maioria vem pedir para fazer parte. Mas o segredo é não deixar os ruins entrarem de cara, porque se entrar qualquer um acaba a credibilidade. É como credencial, referência de que você é bom no que faz. No caso, se você é membro de um bonde famoso e respeitado, também é temido na dança e respeitado. Os ‘Fantásticos’ ganharam muita fama porque reuniram os mais antigos dançarinos e os que fizeram história no Passinho. Só que o que impulsiona isso tudo é basicamente o amor pela dança, porque, na verdade, ninguém sobrevive disso. As duas únicas pessoas que investiram a vida nisso são Cebolinha e Bolinho”.

Eles vão todos arrumados para o baile. Não querem usar roupa sem ser de marca não. Eles trabalham às vezes só para manter o visual” – narra Leandra Perfects. Gambá, por exemplo, só usava Adidas e calça apertada. Segundo seu amigo Cebolinha, “ele usa óculos, mas não tem problema de vista. Gastou 300 reais nos óculos para enganar os outros”. Enquanto Danilo passa máquina em seu cabelo, o próprio Gambá conta a construção de seu estilo pessoal e de seu amigo cabeleireiro e dançarino: “Ele passava a máquina [em mim] e eu passava nele, nós íamos ao salão e só pagava o pé. Aí, nós aprendemos a fazer o pé. Aí eu fazia o pé dele e ele o meu. Aí a sobancelha dele eu não fazia não, porque ele fazia muito na pinça. O bigode dele eu fazia... Ele fazia meu bigode [...] Nosso estilo era um só: nós queríamos andar de Adidas. Nem Nike nós usávamos. Se fosse num shopping para comprar um boné da Nike ou da Adidas, nós comprávamos da Adidas. Agora, se nós ganhássemos da Nike, usávamos, mas pra comprar não comprava”.

A imitação de gestos e trejeitos afeminados foi uma das formas que compuseram o estilo de Gambá, e isso fazia as meninas “se acabarem”. A origem dessa forma, para Leandra, está no fato de “haver muitos homossexuais nos bailes”. Os dançarinos os veem dançando, e, ao imitarem-nos, acabaram instituindo o jeito deles como estilo de dança. Estilo levado sem preconceito. Como relata o “rei” Gambá, “nada contra esse bagulho de gay não, tá ligado? Eles vêm e aí eu solto minhas frangas pra cima deles também”. Sucesso certo com as “minas”. Estas seriam mais espectadoras que dançarinas, na visão de Leandra, porque “dentro da favela o importante é a mulher passar a impressão de ser sensual”. Ademais, o assédio das meninas pelos dançarinos não se restringe aos bailes. Cebolinha, por exemplo, conta que tem quatro Orkuts, sendo que “três lotados. Um ainda não lotou porque sempre que eu brigo com minha namorada ela vai lá e exclui todo mundo”.

Para Leandra, “a mulherada, não sei por que, gosta de quem tem poder e se destaca, e os meninos, dançando, chamam atenção. Você é ou dançarino ou traficante. E quem tem poder hoje na favela ou é dançarino ou é traficante”³. Cebolinha não tem uma versão tão diferente sobre os dançarinos da comunidade em que vive. Um dia desarmadas, favelas do Rio de Janeiro correrão o possível risco de serem, de fato, dominadas por dançarinos. Que Gambá, esteja onde estiver, olhe por eles.

3. Via Facebook.

Homenagem a Gambá; avatar de amizades; ponto de encontro de filmes, bailes, mensagens e histórias de vida e morte; composto de potências e paixões por uma cultura, o documentário de Emílio se inscreve no circuito de espalhamento do Passinho, chamando-nos atenção para a necessidade cada vez mais premente da desconstrução de categorias como centro e periferia. Os meninos dançarinos não são o futuro nem o “em torno” da cultura carioca, mas o presente da mesma, descentralizadora, por excelência, de velhas hierarquias (que, contudo, seguem vigentes).

Ao colocar “os moleques sinistros” na tela, o filme promove uma descriminalização do *funk*, que ainda é recepcionado e compreendido por certa elite em termos de “baixa cultura” – o que pode ser comprovado nos acontecimentos difíceis e trágicos que envolveram a produção e a realização do filme. Gambá não foi perseguido por seguranças, espancado e estrangulado à toa, na volta de um baile. Tampouco teria sido mera coincidência o fato de Emílio Domingos ter sido obrigado a realizar o filme de forma inteiramente independente, uma vez que enviou o projeto a diversos editais, sem obter retorno. Além disso, embora os “moleques” reiterem a premissa de que “o funk também é cultura”, muitos deles sofrem preconceitos e barreiras sociais, não obstante às preces de que “Deus há de querer que a gente reverta isso”.

A esperança, então, é que o Passinho se espraie para além das comunidades cariocas e virtuais⁴. Em cena final, no aeroporto, em partida para Londres, para apresentação da dança nos Jogos Paraolímpicos de 2012, o mesmo Baianinho que iniciou o filme questiona: “por que os *rappers* lá de fora podem ter fãs no Brasil, e nós do Brasil não podemos ter fãs lá fora”? Esta parece ser “a” questão, cujo argumento se coloca na inversão de geografias e no desejo de disseminação da cultura.

Se esse desejo ainda parece ser sonho para Baianinho, Leandra, Cebolinha, João Pedro e tantos outros jovens cariocas, o documentário de Emílio Domingos seria sua atualização.

4. Quanto a essa esperança, Leandra Perfects escreve pelo bate-papo do Facebook: “Cada vez mais meninos vêm me perguntar como fazem para entrar em bonde, para participar de batalha, para eu não deixar de divulgar quando tiver evento. É muita gente, muita muita muita gente com o mesmo sonho. Não tem aqueles filmes que a gente vê na adolescência, que a gente vê e fala ‘eu quero ser aquilo’, e que motiva e muitas vezes muda o rumo da vida da gente? Então, o Passinho no Rio de Janeiro é mais ou menos esse filme só que em cenas da vida real”. Semelhanças entre o filme da vida real de Leandra Perfects e o documentário de Emílio Domingos não são meras coincidências

Data do recebimento:
4 de novembro de 2012

Data da aceitação:
15 de janeiro de 2013